ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL TRAJANO CAMARGO: RESGATE E PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Escola Técnica Estadual Trajano Camargo do Centro Paula Souza

marlene.guiselini@yahoo.com.br

A ETEC Trajano Camargo ia completar 50 anos. A professora de História foi apresentada à quatro livros pontos antigos, que tinham recebido capa nova, de uma escola profissional municipal, com o nome do mesmo patrono – Dr. Trajano Camargo. Limeirense, bem-nascido, engenheiro competente e idealista, foi um dos pioneiros da indústria de Limeira, e um dos personagens mais lembrados e relembrados na historiografia da cidade. Na impossibilidade de se historiar mais de 50 anos da vida de uma escola, optou-se por fazer um recorte no tempo. Foram escolhidas as décadas de 1930 e de 1950, as décadas das duas fundações da escola Trajano Camargo, 1934 e 1953, respectivamente, bem como suas relações com as atividades econômicas da cidade de Limeira. A primeira parte da pesquisa sobre a Escola Profissional Primária Dr. Trajano Camargo, escola municipal, que funcionou, entre os anos de 1935 e 1939. é a que se segue. Para ser escrita recorreu-se a livros e textos de História, revistas e jornais publicados nos anos 30, livro de registro das leis, decretos e resoluções da Câmara Municipal de Limeira, entrevistas com cinco ex-alunos e dois filhos de ex-alunos. Esses depoimentos foram extremamente valiosos não só por permitirem a recuperação de dados sobre a cultura escolar, de permeio com as lembranças pessoais, mas porque deram o toque do vivido, do sentido, do lembrado e do revivido. E um dos subtítulos do texto é: *O cotidiano escolar lembrado e registrado*. As lembranças dos depoentes e os registros de sua passagem pela escola profissional, que resistiram ao tempo, mantidos por eles mesmos ou por seus familiares, possibilitaram contar parte do dia a dia na escola. São certificados de habilitação, ficha do bandeirante, fotos dos formandos e de grupos de alunas, amostras de pontos, ferramentas de trabalho. O quadro de diplomandos de 1937, com fotos do diretor, da paraninfa, dos dois homenageados, dos mestres, dos professores e dos alunos, é que vai desencadear o processo de busca por dados sobre uma escola profissional com o mesmo patrono da atual ETEC, o Dr. Trajano Camargo. O primeiro depoimento foi colhido, em 2006, com o sr. Alfredo Pezzoto. A “descoberta” de outras duas ex-alunas, D. Dora Arruda Binotti e D. Ida de Souza Coelho, ocorreu no final do ano de 2008 e, de um antigo aluno (Sr. Muris), em meados de 2009. Com todos eles foram realizadas duas ou mais entrevistas, extremamente gratificantes tanto para o entrevistador quanto para os entrevistados. A pesquisa no arquivo da Câmara Municipal de Limeira ocorreu, de forma descontínua, em 2006 e 2007 e no arquivo do jornal Gazeta de Limeira, entre dezembro de 2008 e meados de 2009. O acesso ao Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho com acervo de fotos e exemplares do jornal O Limeirense, não foi concretizado. E, partir do final de 2009, o prédio foi fechado para reformas. Foram essas as fontes utilizadas para um retrato do cotidiano da Escola Profissional Mista Dr. Trajano Camargo. A narrativa pode se iniciar assim: As meninas eram a parcela maior dos estudantes da escola profissional. No

dispensário de puericultura, como uniforme usavam um avental branco, tal qual um vestido abotoado na frente, com gola esporte e mangas. Na cozinha, vestiam o mesmo avental e uma touca. Nas demais aulas trajavam uma saia marrom, com duas pregas, macho na frente e duas atrás, parcialmente costuradas, blusa branca, com gola esporte e mangas compridas. Os meninos não tinham uniformes. Meninas e meninos partilhavam o mesmo espaço para o recreio, o pátio da escola, em horários diferentes, o que não impedia as “paqueras” que levaram alguns ao casamento, anos mais tarde. O espaço escolar era gerador, inclusive, de namoro entre os jovens mestres e mestras. O relacionamento de professores/mestres e alunos era tanto de respeito e de entendimento, quanto de admiração. O diretor estava sempre presente. Dona Maria Thereza de Barros Camargo, criadora da escola, por lá não aparecia, só compareceu à primeira formatura, em 1937, na condição de paraninfa. Os adolescentes não percebiam diferenças sociais, ou porque eram colegas, ou porque moravam próximos, ou porque o crescimento econômico da cidade não marcava ainda, de modo significativo, as relações sociais. Todavia, durante as entrevistas, ao serem perguntados, diziam “os mais ricos estudavam no Colégio São José ou no Colégio Santo Antonio”, e “os livros de matemática e português eram emprestados pela escola porque nem todos os alunos podiam comprá-los”, “acho que eu era o aluno mais pobre porque tinha que trabalhar”. Todos os quatro informantes afirmaram que os alunos não abandonavam a escola para trabalhar. Entretanto, relatam que a vontade do pai era inquestionável e que eles queriam que os filhos, sobretudo os meninos, trabalhassem, mesmo aos 10 anos, seja nos barracões de laranja, no comércio da família ou nas oficinas, “para ajudarem nas despesas da casa e não ficarem pela rua, aprendendo coisas erradas”. O número de negros deve ter sido reduzido. São poucas as meninas negras nas fotos das duas turmas femininas, e nos quadros das três formaturas, ou nominados pelos depoentes. Quanto à sessão de formatura é provável que tanto a negros como a brancos tenham faltado recursos para a compra do terno ou vestido, e de sapatos, por isso não participaram e não foram retratados na diplomação. No curso diurno os alunos deviam ter 12 anos ou mais, recém saídos do curso primário, concluído, por alguns, ou por muitos, em mais de 4 anos, porque “era puxado”. Pelos sobrenomes, e porque algumas dessas famílias são ainda residentes na cidade, percebe-se que são descendentes de italianos, portugueses, alemães e sírio-libaneses, inclusive era francês o pai de uma das meninas. Irmãos e parentes próximos frequentavam os cursos oferecidos pela escola profissional. Ela era a única alternativa para os filhos das famílias mais pobres que não tinham recursos para frequentar uma das duas escolas particulares da cidade, o Colégio S. José, escola feminina, ou o Colégio Santo Antônio, escola mista. Também é possível que, se a menina não tinha intenção ou vocação para ser professora ou contadora, ela, futura mãe e esposa, precisava ter prendas domésticas. Então o caminho certo era aprender costura, bordado e culinária na escola profissional, e de graça. Dos meninos se exigia um ofício e, para aprendê-lo, deveriam frequentar a escola profissional que oferecia os cursos de mecânica e de marcenaria.

Palavras chaves: Escola profissional. Cultura escolar. Memória. Registros.